SUJEITO E SABER NA TRÍADE DA LIBERTAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE AUGUSTO BOAL, PAULO FREIRE E GUSTAVO GUTIÉRREZ

Jorge Mendes Gonçalves Bento
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3271-0627
Endereço eletrônico: bentojm@yahoo.com.br

Jossimária de Sá Meira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-7580-4310
Endereço eletrônico: bisjossi@gmail.com

Palavras-chave: sujeito; saber; movimentos sociais.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos no processo de libertação, antes de tudo, é importante refletir sobre os sujeitos que protagonizam essa libertação e sobre os saberes que sustentam suas práticas e modos de existir no mundo. Ao longo da história, diferentes campos do conhecimento buscaram compreender como os sujeitos se constituem, produzem conhecimentos e estabelecem relações com a realidade social. No contexto latino-americano, marcado por profundas desigualdades sociais, políticas e econômicas, essas discussões assumem especial relevância por dialogarem com as lutas históricas por democracia, justiça social e emancipação humana.

Nesse horizonte, o Teatro do Oprimido, a Pedagogia do Oprimido e a Teologia da Libertação apresentam contribuições significativas por partirem da experiência concreta dos sujeitos e defenderem formas de conhecimento comprometidas com a superação das diferentes expressões de opressão. Embora elaboradas em campos distintos, teatro, educação e teologia, essas perspectivas compartilham uma compreensão segundo a qual a libertação é construída coletivamente, mediante processos de conscientização que impulsionam a

participação e transformação da realidade.

O sujeito desta análise, parte da noção de Sujeito apresentada por Edgar Morin, na obra organizada por Schnitman (1994), onde Morin (1994, p.45) fala que a noção de sujeito é controvertida, e acrescentamos, às suas palavras, paradoxal, porque "evidente, não envdente", diz Morin (1994, p.44), enquanto deixa compreender que o Sujeito é aquele que pensa, nos moldes cartesianos. Ao mesmo tempo, Morin remete à epifania de Deus a Moisés para ilustrar uma forma de subjetividade absoluta. Quando interpelado acerca de sua identidade, Deus responde: "Eu sou o que sou". A passagem revela uma existência que se afirma por si mesma, cuja definição não depende de elementos exteriores. Nessa leitura, o sujeito aparece como presença que se reconhece em sua própria condição de ser, afirmando-se a partir de si mesmo.

A relevância deste estudo reside justamente na possibilidade de aproximar essas três obras, evidenciando que suas concepções de sujeito e de saber extrapolam os limites de seus respectivos campos disciplinares e oferecem importantes contribuições para compreender os desafios contemporâneos relacionados à democracia, aos movimentos sociais, às diferentes formas de dominação e às possibilidades de construção de práticas emancipatórias. Diante dessas aproximações, este estudo parte da seguinte questão: De que maneira a relação entre sujeito e saber fundamenta os processos de libertação nas obras de Augusto Boal, Paulo Freire e Gustavo Gutiérrez?

Para responder a essa questão, o artigo tem como objetivo analisar de que maneira a relação entre sujeito e saber fundamenta os processos de libertação presentes nas obras de Boal, Freire e Gutiérrez, buscando compreender como essas concepções fundamentam os processos de produção do conhecimento e de libertação. Para alcançar esse objetivo, recorre-se à fenomenologia como caminho metodológico, buscando identificar as estruturas essenciais presentes nas obras analisadas. A proposta não consiste em comparar os autores a partir de categorias previamente estabelecidas, mas em retornar aos textos para compreender como os fenômenos se manifestam em cada contexto e como podem dialogar entre si.

METODOLOGIA

Como nos ensina Merleau-Ponty (1999, p.17), "a própria reflexão sobre uma doutrina só será total se ela conseguir fazer sua junção com a história da doutrina e com as explicações

externas e se conseguir recolocar as causas e o sentido da doutrina em uma estrutura de existência". Essa lição ressoa profundamente na direção do proposito da pesquisa, cindir as percepções cristalizadas das obras analisadas e voltar ao que Ponty (1999, pp.1-2), vai fazer lembrar que a redução fenomenológica implica no retorno a uma consciência tal qual o mundo se desdobra numa transparência absoluta que permite ao filósofo reconstituir a partir do resultado.

A fenomenologia foi escolhida por permitir um retorno às próprias obras, buscando compreender como os sujeitos nelas se apresentam. Mais do que analisar conceitos isolados, interessa perceber os sujeitos em sua experiência concreta, como seres que aprendem, ensinam, produzem saberes e se constituem nos processos de transformação da realidade. É nesse movimento que os sujeitos de Freire, Boal e Gutiérrez revelam suas formas de ser, agir e conhecer. A capacidade de retornar "às coisas mesmas" (zu den Sachen selbst), Heidegger (2005, p.65).

Assim a fenomenologia pode ser minimamente caracterizada como "o estudo das essências e todos os problemas segundo ela, resumem-se em definir essências" Merleau-Ponty (1999, p.1). Mais do que explicar os autores a partir de interpretações previamente estabelecidas, busca-se compreender como os sujeitos e os processos de produção do saber se manifestam nas obras desses autores. Nessa perspectiva, a análise parte da suspensão de julgamentos prévios para voltar-se aos fenômenos tais como aparecem nos textos.

A fenomenologia permite identificar elementos recorrentes que revelam as características essenciais desses sujeitos. Assim, a investigação busca compreender como educandos, educadores, espectadores, espect-atores e comunidades se constituem como sujeitos históricos capazes de produzir conhecimento, interpretar criticamente a realidade e atuar em processos de transformação social. A partir desse percurso, torna-se possível aproximar as contribuições de Freire, Boal e Gutiérrez, identificando convergências entre suas compreensões de sujeito, saber e libertação. A análise encontra subsidio ao perceber nas falas dos autores percepções que permitem a leitura de que os sujeitos descritos por eles estão em constante ruptura com a situação posta, como por exemplo, quando Boal (1991, p.49) assevera que o “espectador aterrorizado pelo espetáculo da catástrofe” muda, e essa mudança se dá porque a ação nasce da vontade interior dos personagens. E por personagens aqui, compreende-se personagens históricos, vida real encarnada no seio da sociedade. Por isso

Freire (1987, p.29) diz que "ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão." É, portanto, ação comunitária de tomada de consciência da sua mundanidade, para compreendendo tal realidade, mergulha-se nas obras com o olhar fenomenológico permite desvelar como os sujeitos se constituem e constituem seus saberes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sujeitos e Saberes na Tríade da Libertação

A análise das obras estudadas permite compreender que, embora situados em campos distintos, teatro, educação e teologia, os três autores compartilham uma mesma compreensão acerca do sujeito e do saber. O sujeito não aparece como recipiente passivo do conhecimento, mas como protagonista de processos de transformação pessoal e coletiva. Do mesmo modo, o saber não é concebido como transmissão de conteúdos prontos, mas como construção que emerge da experiência concreta, do diálogo, da reflexão crítica e da práxis transformadora. No Teatro do Oprimido, o espect-ator produz conhecimento ao intervir na cena e ensaiar novas formas de agir sobre a realidade. Na Pedagogia do Oprimido, o sujeito constrói saberes ao problematizar o mundo em diálogo com os outros. Na Teologia da Libertação, o conhecimento nasce da leitura crítica da realidade dos pobres e do compromisso histórico com sua libertação. Assim, sujeito e saber constituem-se mutuamente em um movimento permanente de conscientização, participação e transformação social.

A tríade da libertação, como chamamos as três correntes lidas em comunhão, é pautada em ação reflexiva, protagonizada por sujeitos que são dotados, ou deveriam ser, de capacidade de ler o mundo e refletir sobre sua realidade. Capacidade de re-significação radical do mundo, que é para Freire (1987), Gutierrez (1986) e Boal (1991) ato político e pedagógico.

CONCLUSÕES

A análise das obras evidenciou que o saber também assume uma compreensão distinta daquela tradicionalmente associada à transmissão de conhecimentos. Nas três perspectivas, o conhecimento emerge da experiência vivida, do diálogo, da coletividade, da reflexão crítica e da práxis. Trata-se de um saber que se constrói coletivamente e que encontra sentido na

leitura e na transformação da realidade. Ao aproximar essas obras, foi possível perceber que a libertação não se restringe a uma dimensão política, educativa ou religiosa. Ela se realiza na constituição de sujeitos capazes de compreender criticamente o mundo, reconhecer as situações de opressão e atuar na construção de novas possibilidades de existência. Nesse sentido, a tríade da libertação revela-se como um horizonte fecundo para pensar sujeitos históricos que, ao produzirem saberes sobre sua própria realidade, tornam-se também agentes de transformação.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação:** perspectivas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. Heidegger, M. Ser e Tempo (Parte 1, 15a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes. 2005.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** Tradução de [Nome do Tradutor:Marcia Sá Cavalcante Schuback. ed.15ª. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

MORIN, Edgar. **O Método II:** a vida da vida. Tradução M. G. de Bragança. 2. ed. Portugal: Europa-América, 1980.

MORIN, Edgar. **A aventura de O Método e para uma racionalidade aberta.** Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições Sesc São Paulo. 2020